

# OS HOMENS DOS DÓRIS: BERNARDO SANTARENO E O FAZER DO MAR UM TEXTO PARA PRODUZIR SENTIDO

*DORIS' MEN: BERNARDO SANTARENO AND THE ACT OF MAKING THE SEA A TEXT TO PRODUCE, TO MAKE SENSE*

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v12i23p41-62>

Rosemary Conceição dos Santos<sup>I</sup>  
José Aparecido da Silva<sup>II</sup>

## RESUMO

Este trabalho trata das crônicas de Bernardo Santareno presentes na obra *Nos mares do fim do mundo* (1959) e de seu dialogismo com a peça teatral *O lugre* (1959), do mesmo autor. Na primeira, o autor, tratando de troças, foca a personalidade (As peias do balanço); de contação de causos, a tradição e a memória (Antigamente). Psiquiatra de formação, a Santareno não passou despercebidos a humilhação (O bobo), o desespero (O ciclone), a descoberta (Funeral marítimo), a esperança (Frederikshaabs), a superstição (Os fantasmas da Groenlândia; O lobisomem) e a angústia (As mulheres dos mais rijos navegadores do mundo) evidenciadas na condição social e pessoal dos personagens, pescadores de bacalhau em sua maioria, e dos que por eles são lembrados, esposas, filhas e amigos. Em cada crônica, a identificação santarena da dignidade que os eleva de um aparente anti-heroísmo à condição de heróis. Heróis da resiliência, da superação e do aprender a estarem sozinhos consigo mesmos. Uns, aprendizes, despreparados para lidar com o amor e a morte. Outros, maduros, enfrentando a solidão, o perecimento e o finamento dezenas de vezes em seus dórís. Ao final, o que aprenderam sendo contado a um médico-escritor que viajava com eles. Núcleos narrativos que são, estas crônicas preparam caminho para que Bernardo Santareno redija a peça teatral *O lugre* (1959), leitura santarena da pesca do bacalhau nada condizente com o rumo traçado pela propaganda Salazarista de então. Tratados, em sua ambivalência, na sequência deste ensaio, em ambas, o exercício do confinamento e do distanciamento social, com todas as exigências e consequências que ambos impõem à condição humana.

## PALAVRAS-CHAVE

Bernardo Santareno; Mar; Produção de sentido.

## ABSTRACT

*This work deals with the chronicles of Bernardo Santareno present in the work In the seas at the end of the world (1959) and his dialogism with the play O lugre (1959), by the same author. In the first, the author, dealing with mockery, focuses on personality (As peias do balance); storytelling, tradition and memory (Formerly). A trained psychiatrist, Santareno did not go unnoticed through humiliation (The fool), despair (The cyclone), discovery (Funeral maritime), hope (Frederikshaabs), superstition (The ghosts of Greenland; The werewolf) and anguish (The women of the toughest navigators in the world) evidenced in the social and personal condition of the characters, cod fishers in their majority, and those who are remembered by them, wives, daughters and friends. In each chronicle, the Santarem identification of dignity that elevates them from an apparent anti-heroism to the status of heroes. Heroes of resilience, overcoming and learning to be alone with themselves. Some, apprentices, unprepared to deal with love and death. Others, mature, facing, dozens of thimes, loneliness, perishing and fineness dozens of times in their cod-fishing ships. In the end, what they learned by being told to a doctor-writer who traveled with them. Once they are narrative nuclei that they are, these chronicles prepare the way for Bernardo Santareno to write the play O lugre (1959), a santarena reading of cod fishing not consistent with the course set by the Salazarist propaganda of that time. Treated, in their ambivalence, following this essay, in both, the exercise of confinement and social distance, with all the demands and consequences that both impose on the human condition.*

## KEYWORDS

Bernardo Santareno; Sea; Production of sense.

<sup>I</sup> Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

<sup>II</sup> Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, Brasil.

## INTRODUÇÃO

Nome literário de Antônio Martinho do Rosario (1924-1980), Bernardo Santareno, autor de poesia, prosa e dramaturgia, foi considerado o dramaturgo de mais alta inspiração nos quadros da modernidade portuguesa (Moisés, 2012, p. 658). Em sua obra dramática, os diálogos imaginados e a composição cênica, frutos que são da fraseologia, poesia e superstição populares, “assinalam uma evolução no sentido da denúncia das repressões inquisitoriais ou fascistas, com integração dos recursos e obsessões já anteriormente pessoais numa estruturação sugerida pelo teatro épico de Brecht” (Saraiva, 1996, p. 1119).

De acordo com Mendonça (1971), em Santareno, as primeiras peças são voltadas mais ao estilo do drama aristotélico, enquanto as últimas são mais aproximadas do estilo brechtiano. *O Lugre* (1959), exemplo das primeiras peças, resgata o diálogo entre o ator e o público, originalmente presente no teatro grego aristotélico, no qual o coro, grupo de artistas que comentam com voz coletiva a ação dramática que estava ocorrendo, é um intermediário entre ator e plateia.

A diferença? No coro das tragédias gregas, o objetivo de tal recurso era intensificar a ação (Souza, 1997), enquanto que, no coro do teatro épico de Brecht, era de provocar o chamado efeito de distanciamento (Willett, 1967). Provocando uma quebra na ação, Brecht despertava no espectador uma estranheza que visava alcançar um efeito didático, de forma que o público percebesse que as condições sociais são transitórias e passíveis de mudança. *O lugre* (1959), de vertente existencial e fórmula dramática, é peça teatral voltada à linha do período naturalista-realista, com o trágico destacando-se como característica fortemente presente neste estágio, aliada ao caráter poético e explorando temas existenciais, sociais e políticos, características, estas, que se intensificarão nas obras finais do autor.

*Nos mares do fim do mundo* (1959)<sup>1</sup> e *O lugre* (1959)<sup>2</sup>, crônicas e peça teatral respectivamente, datam, ambas, de 1959, e, voltadas que são à achacação, tratam de diversos aspectos da vida de pescadores bacalhoeiros portugueses em mares da Terra Nova e Groenlândia, em especial das

<sup>1</sup> Entre parênteses, a data de publicação da obra. Neste ensaio, as citações estão sendo extraídas da edição de 1997.

<sup>2</sup> Entre parênteses, a data de publicação da obra. Neste ensaio, as citações estão sendo extraídas da edição de 2019.







em homens que se sentem mal compreendidos, sós e maltratados, injustamente, pela vida.

Em *As peias do balanço* (SANTARENO, 1997, p. 9), a personalidade, conjunto de características psicológicas que determinam os padrões de pensar, sentir e agir, ou seja, a individualidade pessoal e social de alguém, quando demonstrada no comportamento de Zé Claro, ao saber-se motivo de chacota dos demais, permite conhecer o comportamento adaptativo do personagem, “E sentou-se em cima do saco, agora triste, quase a chorar: - Andam a fazer pouco de mim...”. Zé Claro, revelando a Santareno aspectos superficiais e aparentes de sua vida cotidiana, como, por exemplo, deixar-se explorar como contrapeso de cabos náuticos para equilibrar os movimentos do David Melgueiro, reaviva, no médico, suas reflexões sobre o quanto o ambiente social contribui para modelar o desenvolvimento do indivíduo na sociedade. Imposta ao rude homem, a despeito do mal estar que isso lhe causava, rege, enquanto não percebida por este, sua própria permanência ali.

De modo geral, a formação da personalidade, processo gradual, complexo e único a cada indivíduo, é referencial do qual se podem partir focalizações para análises literárias entre organismos e ambientes (Leite, 2002), viabilizando-nos afirmar que, no caso de Zé Claro, a permanência de sentimentos ou acontecimentos infantis em sua vida mental e comportamental de adulto, assim como a evolução de conflitos emocionais e afetivos à intensificação neurótica, como no caso das peias, são formas diferentes de uma neurose que se mostra alternativa única para expressão de anormalidades e conflitos de expressão.

Falar de seus sentimentos ao médico foi uma forma de transmitir-lhe o que de vivo lhe atormentava o íntimo. Falando, Zé Claro percebia que ele mesmo, a despeito de sua humildade, era, também, um homem que tinha algo para dizer; algo sério, algo importante. Ouvi-lo, por sua vez, fazia Santareno compreender que havia naquele simples homem do mar uma alma cheia e uma atenção desperta para deitar mão em qualquer momento daquilo que fazia parte de seu mundo interior. Ao conversar, Zé Claro aprendia o que era sentir-se ouvido, bem como a importância de se ter as ideias claras para não se enredar em repetições inúteis.

O que Santareno conseguia com isso? Mostrar ao leitor que, seja na ficção, seja na sociedade como cidadão, a conversação era o que permitia intercâmbio preciso entre os que sabem defender suas opiniões sem, por isso,



[...] Cada homem terá de enfrentar o oceano sozinho. O barco a que cada um confia a sua vida, o dóri, é feito de tábuas de madeira, e tem apenas dezasseis pés de comprimento. Para cada homem, um dóri, escolhido por sorteio. Um processo cheio de superstição: alguns números são considerados de má sorte; outros, de boa sorte. [...] Os homens têm esperança de que lhes calhe um número que lhes trouxe uma boa pescaria no passado, e rezam para que não lhes saia o número de um que se afundou no mar com um amigo.

Esses homens dos dóris, pescadores que eram dos mares frios do Atlântico Norte, ao terem suas vidas metamorfoseadas às de heróis no santareno imaginário literário do mar, também permitiram ao autor pontuar casos de humilhação, nos quais a experiência vivenciada mostrou diminuir a autoestima da pessoa que sofreu a humilhação. É o caso da crônica *O bobo* (SANTARENO, 1997, p. 17), sobre fato ocorrido no lugre Granja que, historicamente, voltado a trazer para Portugal o bacalhau que os outros lugres pescavam nos bancos, fazia o transporte de mercadorias entre Lisboa e Génova quando veio a naufragar chegando a Terra Nova (ilha a noroeste do Oceano Atlântico, no Canadá), ao chocar-se com uma rocha por conta do nevoeiro que se fazia, então.

Na crônica, narra-se a vergonha sentida por Albino algarvio, bobo do veleiro. Habitado a ser assediado moralmente pelos tripulantes, que ora “puxavam-lhe a camisola”, ora achincalhavam-no com alcunhas e risos destemperados, chega ao seu limite quando o cozinheiro Ricoca sugere, ironicamente, aos demais que a falta de cartas ao bobo talvez se devesse por sua mulher ter se interessado por outro. Troça, esta, que, semeada em uma personalidade torturada intimamente, que vinha sonhando com formas de vingança, ou com a própria morte, acaba por assassinar o cozinheiro e o ajudante.

Tais desordens psicológicas, biológicas e socioculturais humanas, assim como ocorre com ansiedade, somatização e dissociação, entre outras, encontráveis em todas as culturas, e nos mais diversos tempos, ainda que não assim nomeadas, permitindo ao leitor observar serem os personagens de *O bobo* capazes de uma repressão cada vez maior dos instintos, conhecida de antropólogos e sociólogos nos estudos de processos civilizatórios de ajustamentos, que, atingindo seu ápice, alcança os aspectos noturnos e doentios da personalidade humana.

O inconsciente, ligado dinâmica e continuamente à consciência numa relação causa-efeito, ao ser retomado por Santareno, nessa crônica,







Em Santareno (1997, p. 41), o excerto que retoma tal passagem

— Eh, gentes! Oiçam o conselho de quem lhes quer bem: Na vão! É morte certa rapazes... O velho que assim arengava, o tí'Rufino, estava no meio. À volta, os outros todos, alguns ainda meio despidos. No mar, mal começava a luzir a madrugada. Lá onde os homens conspiravam, à proa, apenas a luz débil de duas lâmpadas. E o velho, caído o lábio inferior, trémulo de indignação, mostrava os dois incisivos, grandes e amarelos, ornamentos únicos da mandíbula ossuda...

assinala, também, a superstição dos pescadores sobre almas penadas (SANTARENO, 1997, p. 43), “— Se fosse só isso...se fosse só isso, tí'Refino! Penam por lá almas do outro mundo, fiquem a saber... Parece qu' em certos dias, de tão desesp'radas qu' andam, as alminhas 'té levantam os navios ao ar: os barcos ficam grandes, altos como torres!”, sobre o lume que não conseguiriam atear, sobre o forte gelo que aprisionava os barcos sem nunca mais deixá-los retornar para casa, sobre o medo de morrerem de frio e de sede, enfim, sobre o receio de enfrentar aqueles mares tão longínquos e tão estranhos. Medos, entretanto, que se submeteram à violência do capitão Cajeira, maleficamente apelidado de capitão Caveira, homem de urros medonhos, gestos brutais, olhos sangrentos de tão avermelhados a saírem das órbitas, que havia prometido ao armador que iria com aquele navio e aquela tripulação à Groenlândia, e de lá só retornaria a Portugal quando o porão estivesse abarrotado de bacalhau.

O final da viagem? Tal qual n' *Os Lusíadas*, retornaram todos ufanos de glória. Já o capitão Cajeira, envelhecido com o passar dos anos, reaparece rabugento, tossindo e impertinente, a contar suas façanhas sentado em um banco de jardim da vila onde morava. Cabe aqui uma ressalva: ainda que estes pescadores adquiram, ao longo de suas viagens e enfrentamento de obstáculos, a condição de heróis, esta se apresenta como resultado de sua resiliência para sobreviver em condições inóspitas e retornar para os seus ao encerramento das mesmas. Entretanto, diferentemente de *Os Lusíadas*, em que os personagens são apresentados ao leitor já imbuídos da eterna tradição da grandeza, do heroísmo e do patriotismo, os personagens de Santareno são apresentados, inicialmente, em sua condição humana, em seus medos e em suas fragilidades à luz de um Neorrealismo Português afeito ao comprometimento com a transformação humana do mundo e a permanente articulação entre o individual e o coletivo. Superados tais sentimentos negativos durante as





costa atlântica da África e da Europa, enquanto aguardavam seus maridos voltarem ao lar. Ou das mulheres que, nos dez meses do ano em que se separavam de seus maridos, cavavam, semeavam, ceifavam e colhiam.

Neste contexto, pontuando casos particulares ocorridos com os tripulantes do navio, Santareno apresenta ao leitor outras mulheres envolvidas na mesma sorte: a pequena, ainda inocente, a aguardar ansiosa a chegada do pai; as já moças, enfeitadas de ouro, despertando interesse dos pescadores jovens quando, com a mãe, ali vinham receber o pai; as que se amasiaram com outros na ausência do marido; as que se casaram no mesmo dia em que os maridos partiram para a pesca do bacalhau, deixando-as sozinhas em terra; e, por fim, a que, tendo a mãe adoecido, ainda soube desta cuidar, bem como, dos irmãos e da casa, sem se esquecer de escrever ao pai que, em alto mar, vai acompanhando sua luta por todos e sua espera por ele.

Em Portugal, pontualmente durante o Estado Novo, período em que *Nos mares do fim do mundo* foi publicado, o esforço para se conservar a mulher no seu posto tradicional, a saber, como mãe, dona-de-casa e em quase tudo submissa ao marido, era um fato. Santareno, por sua vez, ao apresentar qualitativa e valorosamente seu papel social e privado enquanto companheira dos homens dos dórís, apresenta sua crítica à uma sociedade que a relegava a um plano secundário na família e na sociedade em geral. Na esteira disso, o autor também alertava para a imposição do trabalho doméstico, bem como, para a proibição de reconstituição familiar feminina uma vez que o divórcio era proibido. Nestes casos, eram as crianças consideradas ilegítimas; e a mulher, uma “adúltera”, “que, enquanto o marido labuta no mar, meses e meses, pra ganhar o sustento dela e o dos filhos, se vai deitar com outro calquer” (SANTARENO, 1997, p. 63).

Época em que a mulher praticamente não tinha direitos, o Estado Novo é apresentado por Santareno como um período em que o trabalho feminino se deparava frequentemente com grandes limitações: à mulher era vedado o acesso a determinadas profissões, como, por exemplo, a magistratura, a diplomacia e a política, além de não lhe ser concedido o direito de acesso a determinados lugares considerados próprios somente para a ocupação masculina.

Em Magalhães (1998), a situação da mulher antes da Revolução dos Cravos, de 25 de Abril de 1974, que depôs o regime ditatorial do Estado Novo, vigente desde 1933, e que iniciou um processo que viria a terminar com a



Por sua vez, em Garrido (2008, p. 5), a pesca do bacalhau é apresentada por uma ótica mais política e econômica que simbólica: tratava-se, sem dúvida, “de compor e impor uma versão reelaborada do “nacionalismo português”, “um exercício hermenêutico assente num inventário de ideias e imagens (ou representações) cunhadas pelo Estado em torno da sua própria intervenção no domínio das pescas”, buscando restabelecer a soberania do Estado-nação imperial. Em outras palavras, o regresso de Portugal ao mar era ação que combinava “folclorismo de validação etnográfica e a estética de massas do fascismo”, visando certificar a reconquista da soberania econômica do Estado.

Em Cruz (2017, p. 9), sendo Portugal o primeiro produtor mundial de bacalhau salgado seco, esclarece-se que tal cenário era conseguido com violenta repressão dos trabalhadores. A pesca, setor carente, de grandes contingentes de mão de obra, acabou sendo controlada pelo governo, num recrutamento que impunha um regime de matrícula obrigatória para os armadores. Neste contexto, ainda segundo Cruz, o pescador era obrigado a se manter no barco da campanha anterior, eliminando-se a possibilidade do oferecimento de seu trabalho a um novo capitão que lhe conseguisse melhores condições. Essa imposição, proposta em 1927, é consagrada em lei em 1937, ano em que uma revolta coletiva de pescadores descontentes com a situação, resulta numa greve que abala o salazarismo. O resultado? Segundo Cruz (2017, p. 9), uma repressão implacável dos pescadores, com inúmeras prisões e a publicação de um decreto de recrutamento obrigatório. “Passam a ser considerados desertores os pescadores que se recusem a embarcar no mesmo navio da campanha anterior”.

Se, em *Os mares do fim do mundo* (1959), Santareno figurativiza a classe dos pescadores, pareando sua imagem histórica de comunidade nacional das gentes do mar com suas observações psicológicas e psiquiátricas sobre os comportamentos por ele observados em cada um dos pescadores que ali conhecera, em *O lugre* (1959), com os atores Albino, corcunda de 50 anos a quem chamam de Marreco; Miguel, jovem frágil e belo de 17 anos; Zé Sol e Tó Verde, respectivamente, moreno e louro fortes e belos, ambos de 25 anos; Ti' João Das Almas, contramestre do lugre e homem de respeito em seus 60 anos; Zé Espada e Tó Maria, ambos primeira linha (os melhores entre os maduros) de, respectivamente, 35 e 34 anos; o Capitão, alto, dominador, 50 anos; o Imediato, de 30 anos; Toino Nazareno, de 20 anos; o grupo de pescadores maduros (10 a 12, homens

experientes e adultos), verdes (5, jovens que, pela primeira vez, seguem na pesca do bacalhau) e moços (5, rapazes que não pescam, mas se dedicam a vários trabalhos de bordo), atuando nos Mares da Terra Nova e Grande Banco, Santareno, dramatiza, no palco, a imagem dos navegantes e heróis do mar, para narrar a dureza de suas vidas de pescadores portugueses a serviço da frota bacalhoeira, permeada tanto pelas tensões da vida a bordo quanto pela relação cotidiana com o perigo, perante os quais cada um deles reagia de forma diferente.

Até então, nada diferente do mote das crônicas de *Nos mares do fim mundo*: um retrato do confronto entre o homem e a natureza marítima selvagem, realçando as diferentes facetas do ser humano. Entretanto, reforçada a particularidade destes homens ali estarem forçados não pelo seu medo, como nas crônicas, mas pelo governo de seu país, interessado, este, numa campanha de propaganda do regime salazarista, a peça *O lugre* busca desconstruir a ideologia de fundo historicista, interessada, especificamente, na corporativização do “trabalho pesqueiro nacional”.

A luta para sobreviver a tempestades contínuas, visando o ganha-pão e a subsistência de si e da família, como ilustrado no seguinte excerto (SANTARENO, 2019, p. 24):

TODOS – Rema! Rema! Rema! Rema!...

CAPITÃO (Cuja voz domina o tumulto) – Zé Sol! Ó Zé Sol! Experimenta com o bicheiro?!... (Precipitadamente, Zé Sol vai buscar uma longa vara terminada por gancho forte e, desesperado, tenta prender com ela o bote perdido.)

(...)

CAPITÃO – Uma bóia... atirem-lhe uma bóia! (Corridas.) Eh, com mil raios, então essa bóia?! (Um Pescador arremessa a bóia para o mar) Agarra, Toino! Agarra! Agarra!... (SANTARENO, 2019, p. 24):

se, por um lado, se apresenta psicologicamente verdadeira, principalmente nos casos em que o autor buscou na psicologia as figuras e relações interpessoais que utilizou na concretização do drama, por outro, quando exposta ao interesse político-ditatorial do salazarismo, revela-se situação complexa, que reclamam reflexões e observações mais agudas que a simples possibilidade de serem encaixadas numa mística nacionalização tradicionalista da “cultura popular” portuguesa.

Aqui, não é a verdade psicológica buscando realçar a noção de realidade da criação santarena, que dará valor artístico às crônicas de *Nos*





diferentemente, insere as reclamações e descontentamentos nas informações, explicações e interpretações de atores, subordinando o escrito ao visto.

## CONCLUSÃO

As reflexões de Santareno nas crônicas de *Nos mares do fim do mundo* e no drama *O lugre*, portanto, consideram, respectivamente, a oportunidade de leitor e plateia identificarem as condições reais de manutenção do ideário mítico da pesca do bacalhau pelo governo, de modo que, esclarecidas, associem tais experiências de outrem às suas próprias, na luta diária junto à família e aos amigos, auxiliando-se e a estes a sobreviver de modo minimamente digno.

Na ausência disso, mantidos encobertos os reais objetivos salazaristas, uma reação, um questionamento, uma problematização e um posicionamento popular jamais seriam possíveis. Em comum, em ambas se promove o exercício do confinamento e do distanciamento social, com todas as exigências e consequências que estes impõem à condição humana.

## REFERÊNCIAS

ASSUMPÇÃO, M. E. O. O. Teatro X Narrativa: gêneros intercambiáveis?. *Linha D'Água*, [S. l.], n. spe, p. 59-70, 2010. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v0ispep59-70. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/62341>. Acesso em: 30 nov. 2020.

CÂNDIDO MARTINS, J. O Mar, as Descobertas e a Literatura Portuguesa. Disponível em *Letras & Letras* < <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/letras/candid02.htm> > Acesso em 26 nov 2020.

CRUZ, Valdemar. *Cobaias de Salazar*. In: <<https://expresso.pt/sociedade/2017-06-18-Cobaias-de-Salazar>> Acesso em 25 out 2020.

GARRIDO, Álvaro. O Estado Novo e as pescas: a recriação historicista de uma “tradição marítima nacional”. In: TORGAL, Luís Reis; PAULO, Heloísa. *Estados autoritários e totalitários e suas representações*. Coimbra: IUC, 2008. Disponível em <<https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/32197/1/7-%20estados%20autorit%C3%A1rios.pdf?ln=pt-pt>> Acesso em 28 out 2020.



SOURIAU, E. *Les deux cent milles situations dramatiques*. Paris: Flammarion, 1970.

SOUZA, Marisa Giannecchini Gonçalves de. *O coro e suas ficções: Máscaras na orquestra*. Araraquara: UNESP, 1997. (Tese de Doutorado).

VYSE, Stuart A. *Believing in Magic: The Psychology of Superstition*. New York: Oxford University Press, 2014.

WILLETT, Jonh. *O teatro de Brecht: visto de oito aspectos*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

YATES, Frances A. *A arte da memória*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

Recebido em 9 de novembro de 2020

Aprovado em 25 de novembro de 2020

Licença: 

Rosemary Conceição dos Santos

Pós-Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Pós-Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica. Pós-Doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas pela Universidade de São Paulo. Pós-Doutorado em Cognição, Leitura e Literatura pela Universidade de São Paulo (2009). Doutorado em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Mestrado em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Contato: [cienciausp@usp.br](mailto:cienciausp@usp.br)

 <https://orcid.org/0000-0001-7304-0511>

José Aparecido da Silva

Mestre e Doutor em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e Pós-doutorado em Percepção e Psicofísica pela Universidade da Califórnia, Santa Bárbara, USA, é Professor Titular Aposentado do Departamento de Psicologia da FFCLRP-USP. Na Universidade de Coimbra é Co-Coordenador do Mestrado em Psicologia Experimental e, na Universidade Nacional de Tucumán (Argentina), é co-coordenador do Centro Associado de Pós-graduação apoiado pela CAPES (Brasil) e pela SPU (Argentina). Em 2017 criou e é o coordenador do Curso de MBA da USP Comportamento nas Organizações. Ministra no PECE USP/POLI as disciplinas Inteligência Emocional e O Processo de Liderança.

Contato: [jadsilva@ffclrp.usp.br](mailto:jadsilva@ffclrp.usp.br)

 <https://orcid.org/0000-0002-1852-369X>